



## **Escola da Comunidade Mahometana**

11:Classe, Turma: CA3

Disciplina: Filosofia

1º Trimestre 2024

### **A ORIGEM DO CONHECIMENTO**

---

#### **DISCENTES:**

- Keila Muchanga;
- Maira Abiba;
- Sahil Fahimudin.

#### **DOCENTE:**

CONSTNATINO MAURÍCIO

#### **Classificação:**

---

#### **Assinatura:**

---

Maputo, aos 23 de Junho de 2024

# ÍNDICE

<b>1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>2</b>
<b>2</b>	<b>Objectivos:.....</b>	<b>3</b>
<b>2.1</b>	<b>Objectivo geral:.....</b>	<b>3</b>
<b>2.2</b>	<b>Objectivos Específicos: .....</b>	<b>3</b>
<b>3</b>	<b>A origem do conhecimento .....</b>	<b>4</b>
<b>3.1</b>	<b>Empirismo .....</b>	<b>5</b>
<b>3.2</b>	<b>Racionalismo .....</b>	<b>7</b>
<b>3.3</b>	<b>Intelectualismo .....</b>	<b>10</b>
<b>3.3.1</b>	<b>Origens do Intelectualismo .....</b>	<b>10</b>
<b>3.3.2</b>	<b>Princípios do Intelectualismo.....</b>	<b>11</b>
<b>3.3.3</b>	<b>Conhecimento como Virtude .....</b>	<b>11</b>
<b>3.3.4</b>	<b>Crítica ao Intelectualismo.....</b>	<b>11</b>
<b>3.3.5</b>	<b>Intelectualismo e Educação.....</b>	<b>11</b>
<b>3.3.6</b>	<b>Intelectualismo e Ética .....</b>	<b>11</b>
<b>3.3.7</b>	<b>Intelectualismo e Política .....</b>	<b>12</b>
<b>3.3.8</b>	<b>Intelectualismo e Arte.....</b>	<b>12</b>
<b>3.3.9</b>	<b>Intelectualismo na Actualidade .....</b>	<b>12</b>
<b>3.4</b>	<b>Construtivismo .....</b>	<b>13</b>
<b>3.4.1</b>	<b>História do Construtivismo .....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>Conclusão.....</b>	<b>16</b>
<b>5</b>	<b>Bibliografias.....</b>	<b>16</b>
<b>5.1</b>	<b>Bibliografias Manuais.....</b>	<b>17</b>
<b>5.2</b>	<b>Bibliografias Electrónicas.....</b>	<b>17</b>

## ÍNDICE DE FIGURA

<b>Figura 1:[] 1 John Locke (1632-1704) .....</b>	<b>5</b>
---	----------

# 1 Introdução

A origem do conhecimento é um tema central na filosofia, explorando as diferentes fontes e naturezas do saber humano. Após discutir a distinção entre conhecimento a priori e a posteriori, surge a questão: até que ponto esses conhecimentos são universais ou dependentes do contexto? Imagine um cenário onde  $2 + 2$  não é igual a 4 ou onde a identidade lógica falha. Seria possível questionar esses conhecimentos em um mundo assim? Essas reflexões nos levam a investigar se o conhecimento é adquirido através da experiência sensorial ou se deriva também da razão e entendimento. O racionalismo, empirismo, intelectualismo e construtivismo oferecem respostas distintas a essas questões, cada um destacando a primazia de diferentes faculdades humanas na formação do conhecimento.

## **1.1 Objectivos:**

### **1.2 Objectivo geral:**

- Investigar e analisar as diferentes perspectivas filosóficas sobre a origem do conhecimento (empirismo, racionalismo, intelectualismo e construtivismo), buscando compreender como cada uma delas influencia nossa compreensão do mundo e dos limites do conhecimento humano.

### **1.3 Objectivos Específicos:**

- **Comparar as visões do empirismo e do racionalismo:** Analisar como essas duas correntes filosóficas divergem quanto à origem e à natureza do conhecimento, investigando como cada uma delas trata a relação entre experiência e razão na formação do conhecimento humano;
- **Explorar o papel do sujeito na construção do conhecimento:** Investigar como o intelectualismo e o construtivismo enfatizam o papel ativo do sujeito na criação e interpretação das representações do mundo, contrastando essas perspectivas com o empirismo e o racionalismo.

## 2 DESENVOLVIMENTO

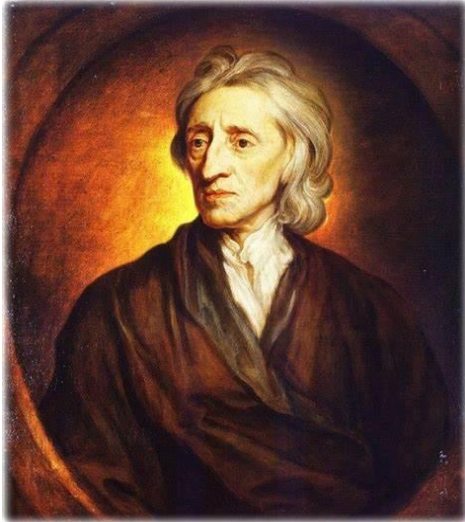
### 2.1 A origem do conhecimento

Já estudamos a distinção entre conhecimento *a priori* e conhecimento *a posteriori*. Vamos agora estudar algumas correntes filosóficas que nos ajudarão a enquadrar cada uma destas formas de conhecimento. Para tal, comecemos por supor que havia um Deus que criava um mundo onde  $2 + 2 = 5$  e onde  $A \neq A$ . Seria possível pôr em dúvida esses conhecimentos? Será que a nossa mente pode funcionar com regras matemáticas e princípios lógicos diferentes daqueles a que todos obedecemos? Ou serão esses conhecimentos universais, em qualquer mundo possível? E, se forem, será que se adquirem, ou, pelo contrário, já nascem conosco?

Qual é, de facto, a origem do conhecimento? Será que todo o nosso conhecimento provém da experiência e dos sentidos? Ou será que provém também da razão/entendimento? Ou procederá de ambas estas fontes, mas é mais verdadeiro numa do que noutra? Ou será que só se pode falar em conhecimento quando estas duas faculdades se articulam uma com a outra? O **racionalismo**, o **empirismo**, o **intelectualismo** e o **construtivismo** dão respostas diferentes a estas questões. Analisemos cada uma destas perspectivas.

## 2.2 Empirismo

Se o racionalismo admite a existência de um conjunto de ideias anteriores à experiência (*a priori*), o empirismo é uma teoria segundo a qual todo o nosso conhecimento provém da



**experiência.** Deste modo, o conhecimento, no verdadeiro sentido do termo, é sempre *a posteriori*. Mesmo os conhecimentos matemáticos acabam por depender, em última instância, da experiência.

Assim, segundo a corrente empirista, **não existem ideias, conhecimentos ou princípios inatos.** O entendimento assemelha-se a uma página em branco onde, antes de qualquer experiência, nada se encontra escrito.

Figura 1:[] 1 John Locke (1632-1704)

Pode-se, por isso, definir o empirismo como sendo a teoria filosófica que, opondo-se ao racionalismo, nega a existência de conhecimentos inatos, afirmando que todo o conhecimento humano deriva da experiência.

Esta perspectiva foi defendida por John Locke no seu *Ensaio Sobre o Entendimento Humano*.

As ideias podem ser **simples** (como *duro, vermelho, frio*) ou **complexas** (como *beleza, Universo, cravo*), derivando estas da combinação daquelas. O conhecimento resultará, portanto, da ligação de ideias simples fornecidas pela experiência.

Uma vez que não existem ideias inatas, importa averiguar a **gênese empírica** das ideias, mostrando como as mais complexas e abstractas podem ser decompostas nas mais simples e como estas se associam e combinam para formarem as mais complexas. Ao estudar estes mecanismos de **combinação e associação de ideias**, Locke desenvolve uma análise de natureza psicológica – **psicologismo**.

A experiência – seja a experiência externa (a sensação), pela qual se captam os objectos exteriores e sensíveis, seja a experiência interna (a **reflexão**), pela qual se captam as operações internas da mente – marca os limites do conhecimento. O conhecimento encontra – se duplamente limitado pela experiência, ao nível da sua:

- Extensão: o entendimento é incapaz de ultrapassar os limites impostos pela experiência, que é a única fonte do conhecimento;
- Certeza: as certezas de que dispomos referem-se apenas àquilo que se encontra dentro dos limites da experiência.

Dentro do modelo empirista do conhecimento, situa-se também David Hume. Este filósofo considera que a capacidade cognitiva do entendimento humano é limitada, não existindo nenhum fundamento metafísico para o conhecimento.

Para este filósofo, todo o conhecimento deriva da experiência, tendo todas as crenças e ideias uma base empírica, até as mais complexas.

As várias percepções humanas são classificadas por Hume segundo o critério da vivacidade e da força com que são susceptíveis de impressionar o espírito. De acordo com este critério, as percepções que apresentam maior grau de força e vivacidade designam-se **impressões**.

As ideias ou pensamentos são, justamente, as representações das impressões, ou seja, são as imagens enfraquecidas das impressões, nunca alcançando vivacidade e força iguais às destas últimas.

Assim, as **ideias derivam das impressões**. Não só cada ideia deriva de determinada impressão, como não podem existir ideias das quais não tenha havido uma impressão prévia.

As ideias e as impressões são os elementos do conhecimento. Por isso, todo o conhecimento deriva da experiência. É nesta que se encontra o fundamento do conhecimento e não em qualquer realidade supra-sensível.

O empirismo de Hume traduz-se nas seguintes consequências:

- O **fenomenismo**: dado que só conhecemos as percepções, a realidade acaba por se reduzir aos fenómenos, ou seja, àquilo que aparece;

- O **cepticismo**: como a realidade a que temos acesso se reduz as percepções, a crença na existência de algo para lá dos fenómenos carece de fundamento (cepticismo metafísico). A capacidade cognitiva do entendimento humano limita-se ao âmbito do provável.

Podemos agora caracterizar o empirismo com base em três aspectos fundamentais:

- A experiência é a origem de todo o nosso conhecimento;
- Todas as ideias têm uma base empírica, até as mais complexas não existindo ideias inatas;
- O objecto impõe-se ao sujeito.

## 2.3 Racionalismo

O racionalismo é uma doutrina filosófica que considera a razão a fonte principal do conhecimento, a fonte do conhecimento verdadeiro. Só através da razão é que se pode encontrar um conhecimento seguro, o qual é *a priori* e totalmente independente da experiência sensível. Tal conhecimento só existe quando é **logicamente necessário e universalmente válido**.

Por exemplo, afirmar que  $3 \times 3 = 9$  é apresentar um conhecimento com essas características: é logicamente necessário, porque tem de ser assim, caso contrário entraríamos em contradição, e é universalmente válido, porque é verdadeiro sempre, em toda a parte e para todos os seres humanos.

Daí que o modelo do conhecimento verdadeiro verdadeiro nos seja dado pela **matemática**, que é válida para todos e nos obriga à sua aceitação, sob pena de entrarmos em contradição lógica.

Isto não significa que os racionalistas neguem a existência do conhecimento empírico. Esse conhecimento existe, mas não pode ser considerado totalmente verdadeiro, justamente porque não se conforma à necessidade racional.

A filosofia do Platão representa o exemplo de uma perspectiva racionalista. Como já nos referimos a este autor, vamos rrelembrar os aspectos essenciais da sua filosofia. Platão afirma a existência de dois mundos: o **mundo sensível** (a que acedemos através dos sentidos), mundo aparente e imperfeito, e o **mundo inteligível** (com o qual contactamos através da razão), mundo verdadeiro e perfeito, formado por ideias, das quais as coisas sensíveis participam.



Considerando que a **alma é imortal** e que, nesta vida, se encontra aprisionada no corpo, Platão afirma que nós obtemos o verdadeiro conhecimento numa existência superior, na qual podemos contemplar as Ideias imutáveis.

Reencarnando, a alma esquece o que aprendeu. Se for bem conduzida, acabará por lembrar todas essas noções. Segundo esta teoria- **teoria da reminiscência**-, **aprender é recordar**. Sendo assim, as nossas ideias são cópias das verdadeiras Ideias, e à **opinião** (*doxa*), que provém dos sentidos, opõe-se o **verdadeiro saber** (*episteme*), que é obtido pela razão.

Na Idade Moderna, Descartes apresentou igualmente um modelo racionalista para o conhecimento. Atribuindo um grande valor à razão, Descartes procurou também os **fundamentos metafísicos do conhecimento**.

Uma vez que a razão é a origem do conhecimento verdadeiro (universal e necessário), então as proposições da matemática assumem um carácter evidente. Por isso, é possível seguir um **método** inspirado na matemática para a conquista da verdade.

Este método permitirá guiar a razão (o bem senso), orientando devidamente as operações fundamentais do espírito: a **intuição** – acto da apreensão directa e imediata de noções simples, evidentes e indubitáveis – e a **dedução** – refere-se ao encadeamento das intuições, envolvendo até às consequências necessárias.

Obedecendo às regras do método, Descartes procede a uma investigação de carácter metafísico, a fim de encontrar os princípios fundamentais do conhecimento humano.

Um momento importante do método é a **dúvida**. Por meio dela, recusaremos tudo aquilo em que notarmos a mínima suspeita de incerteza.

Instrumento da luz natural ou razão, a dúvida é posta ao serviço da verdade. É necessário colocar tudo em causa, no processo de busca dos **princípios fundamentais e indubitáveis**.

Mas esta dúvida é **metódica e provisória**, é um meio para atingir a **certeza**, não constituindo um fim em si mesma. Apesar de **hiperbólica** (pois rejeita como se fosse falso tudo aquilo em que se note amínima suspeita de incerteza, acabará por conduzir a uma verdade incontestável: a **afirmação da minha existência**, enquanto sou um ser que pensa e que duvia.

Daqui decorre a natureza absolutamente verdadeira da afirmação “*Penso, logo existo*” (ou então: “*Cogito, ergo sum*” -afirmação frequentemente sintetizada no simples termo cogito). Trata-se de uma afirmação evidente e indubitável, de uma certeza inabalável, obtida por intuição, e que servirá de paradigma para as várias afirmações verdadeiras.

Segundo este filósofo, a razão possui em si ideias inatas. Estas ideias *a priori*, sendo **claras e distintas**, foram colocadas por Deus no espírito humano (**racionalismo inatista**). Entre as ideias inatas que possuímos encontra-se a noção de um ser onisciente, onipotente e sumamente perfeito. A partir da **ideia de ser perfeito**, Descartes procurou demonstrar a existência de Deus.

Sendo perfeito, Deus não é um ser enganador. Ele surge como a garantia da verdade objectiva das ideias claras e distintas. Sendo criador das verdades eternas, a origem do ser e o fundamento da certeza, Deus garante a adequação entre o pensamento evidente e a realidade, legitimando o valor da ciência e conferindo validade e objectividade ao conhecimento. Deus é o **fundamento do ser e do conhecimento**.

### Texto

Desde que reconheci que existe um Deus, ao mesmo tempo compreendi também que tudo o resto depende dele e que ele não é enganador, e daí concluí que tudo aquilo que conheço clara e distintamente é necessariamente verdade, mesmo que não atente mais nas razões pelas quais julguei que isso era verdadeiro, mas apenas me recorde de o ter visto clara e distintamente. Por conseguinte, não se pode alegar em contrário nenhuma razão que me leve a duvidar, mas tenho disso ciência verdadeira e certa. Ciência certa e verdadeira não apenas disso, mas também de todas as outras coisas que me recordo de alguma vez ter demonstrado, como as da Geometria e semelhantes. (...) E assim vejo perfeitamente que a certeza e a verdade que a certeza e a verdade de toda a ciência dependem unicamente do conhecimento do Deus verdadeiro, a tal ponto que, antes de o conhecer, eu não poderia saber nada, de modo perfeito, de qualquer outra coisa. Porém, agora podem ser perfeitamente conhecidas e certas, para mim, inúmeras coisas, quer do próprio Deus e das outras coisas intelectuais, quer também de toda a natureza corpórea que é o objecto da matemática pura.

Descartes (1988), *Meditações Sobre a Filosofia Primeira*, Coimbra, Livraria Almedina, pp. 194-195

Para além de Descartes, enquadram-se dentro do racionalismo outros filósofos, como Leibniz e Espinosa.

Em conclusão, podemos caracterizar o racionalismo com base em três aspectos fundamentais:

- a razão é a origem do conhecimento verdadeiro (universal e necessário);
- as ideias fundamentais do conhecimento são inatas;
- o sujeito impõe-se ao objecto através das noções (*a priori*) que traz si.

## 2.4 Intelectualismo

Johannes Hessen, no livro “Teoria Do Conhecimento”, afirma que racionalismo e empirismo são opostos. *Onde existem oposto, porém, geralmente também não faltam tentativas de fazer mediação entre eles.* Uma tentativa de mediação entre racionalismo e empirismo é encontrada na orientação epistemológica que podemos encontrar de **intelectualismo**.

Se para o **racionalismo** o *pensamento* é a fonte e o fundamento do conhecimento, e para o **empirismo** essa fonte e fundamento é a *experiência*, o **intelectualismo** considera que *ambas participam na formação do conhecimento*.

O intelectualismo na filosofia é uma corrente de pensamento que atribui um papel central à razão e ao conhecimento intelectual na vida humana. Segundo essa perspectiva, a capacidade de pensar e compreender o mundo de forma racional é o que nos distingue como seres humanos e nos permite alcançar a verdade e a sabedoria.

### 2.4.1 Origens do Intelectualismo

O intelectualismo na filosofia tem suas raízes na Grécia Antiga, mais especificamente na obra de Sócrates e seus discípulos, como Platão e Aristóteles. Sócrates acreditava que o conhecimento era a chave para a virtude e que busca pela verdade deveria ser o objectivo principal da vida humana. Ele defendia que a razão e o pensamento crítico eram as ferramentas necessárias para alcançar esse objectivo.

Para Aristóteles, o dualismo platônico (o Mundo das Ideias e das Formas e o mundo sensível) entre o mundo sensível e o mundo das ideias era um artifício dispensável para responder a pergunta sobre o conhecimento verdadeiro. Nossos pensamentos não surgem do contacto nossa alma com o mundo das ideias, mas da experiência sensível. “Nada está no intelecto sem antes ter passado pelos sentidos”, dizia o filósofo. Isso significa que não posso ter ideia de um teiú sem ter observado um directamente ou por meio de uma pesquisa científica. Sem isso, “teiú” é apenas uma palavra vazia de significada. Igualmente vazia ficaria nosso intelecto se não fosse preenchido pelas informações.

Aliás, o que nos distingue como seres racionais é a capacidade de conhecer. E conhecer está ligado à capacidade de entender o que a coisa é no que ela tem de essencial. Por exemplo, se digo que “todos os cavalos são brancos”, vou deixar de fora um grande número de animais que poderiam ser considerados cavalos, mas que não são brancos. Por isso, ser branco não é algo essencial em um cavalo, mas você nunca encontrará um cavalo que não seja mamífero, quadrúpede e herbívoro.

#### **2.4.2 Princípios do Intelectualismo**

No intelectualismo, a razão é considerada a faculdade mais importante do ser humano. Acredita-se que é através do pensamento racional que podemos compreender o mundo e tomar decisões correctas. Para os intelectualistas, a emoção e os desejos devem ser subordinados à razão, pois são considerados fontes de erro e ilusão.

#### **2.4.3 Conhecimento como Virtude**

Uma das principais ideias é que o conhecimento é a base da virtude. Acredita-se que, ao adquirir conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo, o indivíduo se torna mais virtuoso e capaz de agir de acordo com o que é moralmente correcto. O conhecimento é visto como uma espécie de guia para a acção ética.

#### **2.4.4 Crítica ao Intelectualismo**

Apesar de suas contribuições para a filosofia, o intelectualismo também recebeu críticas ao longo da história. Alguns filósofos argumentam que a ênfase excessiva na razão pode levar a uma visão simplista e desumanizada da vida. Eles defendem que as emoções e os desejos também desempenham um papel importante na formação do carácter e na tomada de decisões.

#### **2.4.5 Intelectualismo e Educação**

O intelectualismo tem uma relação estreita com a educação. Acredita-se que a busca pelo conhecimento e pela verdade deve ser o objectivo principal da educação, e que a escola deve ser um espaço onde os indivíduos possam desenvolver suas capacidades intelectuais. Nesse sentido, o intelectualismo valoriza a formação de indivíduos críticos e reflexivos.

#### **2.4.6 Intelectualismo e Ética**

A relação entre intelectualismo e a ética é complexa. Por um lado, o intelectualismo defende que o conhecimento é a base da virtude e que a razão deve guiar nossas acções éticas. Por outro lado, alguns filósofos argumentam que a ética não pode ser reduzida a um conjunto de regras racionais, e que a intuição e a sensibilidade moral também desempenham um papel importante.

#### **2.4.7 Intelectualismo e Política**

O intelectualismo também tem implicações políticas. Acredita-se que os líderes políticos devem ser pessoas instruídas e capazes de pensar de forma crítica. O intelectualismo valoriza a participação activa dos cidadãos na vida política e defende que a democracia só pode funcionar adquadamente se os indivíduos estiverem bem informados e forem capazes de tomar decisões racionais.

#### **2.4.8 Intelectualismo e Arte**

O intelectualismo também tem influência sobre a arte. Acredita-se que a arte deve ser uma expressão do pensamento racional e que o artista deve ser capaz de transmitir ideias e conceitos de forma clara e inteligível. O intelectualismo valoriza a arte que desafia o espectador a pensar e reflectir sobre questões importantes.

#### **2.4.9 Intelectualismo na Actualidade**

O intelectualismo continua sendo uma corrente de pensamentos relevante nos dias de hoje. A busca pelo conhecimento e pela verdade continua sendo um objectivo importante para muitas pessoas, e a razão ainda é considerada uma ferramenta fundamental para compreender o mundo e tomar decisões informada. No entanto, o intelectualismo também tem sido objecto de críticas e questionamentos, especialmente em relação à sua visão da emoção e dos desejos.

## 2.5 Construtivismo

Construtivismo é uma tese epistemológica que defende o papel ativo do sujeito na criação e modificação de suas representações do objeto do conhecimento. O termo começou a ser utilizado na obra de Jean Piaget e desde então vem sendo apropriado por abordagens com as mais diversas posições ontológicas e mesmo epistemológicas. Hoje é atribuído a abordagens da filosofia, pedagogia, psicologia, matemática, cibernética, biologia, sociologia e arte.

As teses comuns à maioria dessas abordagens (à exceção do construtivismo social) são relativas à questão da origem do conhecimento: a rejeição ao objetivismo de matiz empirista e a adoção do sentido kantiano da metáfora da construção.

Caracteriza-se, de forma negativa, pela rejeição ao objetivismo, pois defende que o objeto não determina completamente, em um sujeito supostamente passivo, as representações que este tem dele. Caracteriza-se, de forma positiva, pela defesa de duas teses kantianas: a que as representações (intuições sensíveis) que temos da realidade são condicionadas pela estrutura de nossa mente e construídas automaticamente por ela; e a que as hipóteses que construímos sobre como o objeto funciona podem ser alteradas e substituídas voluntariamente, quando falham em suas previsões do que receberemos pelos sentidos.

Construtivismo não deve ser confundido com construcionismo, porque o último, na verdade, rejeita tanto o conceito de sujeito construtor quanto o realismo.

### 2.5.1 História do Construtivismo

A filosofia de Kant representa um exemplo de uma perspectiva construtivista. De acordo com o construtivismo, o objecto do conhecimento é construído pelo sujeito. Assim, o sujeito tem um papel activo e é graças a ele que o objecto se constitui.

Em face, por um lado, do **insucesso da metafísica tradicional**, que não adquiria ainda o rigor da ciência, e, por outro lado, em face do notável valor adquirido pela ciência newtoniana, Kant terá como uma das finalidades da sua obra principal, a *Crítica da Razão Pura*, saber *como é possível a metafísica enquanto ciência*; mas para isso é necessária uma **crítica que defina as suas condições de possibilidade**. Será possível conhecer Deus, a alma e o mundo na sua totalidade?

Perante os **racionalistas dogmáticos**, que consideravam possível um conhecimento metafísico, e os **empiristas cépticos**, que defendiam que todo o nosso conhecimento começa com e deriva da

experiência, não sendo possível um conhecimento rigoroso e válido para todos, Kant quer saber *o que podem até onde o entendimento e a razão conhecer, independentemente da experiência*.

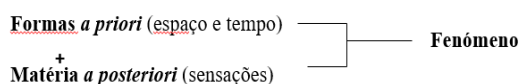
Por conseguinte, Kant **não é um filósofo dogmático**, porque considera que devemos analisar as nossas possibilidades de conhecimento; **nem é um filósofo céptico**, pois entende que algum conhecimento rigoroso e universal é possível, por exemplo a física de Newton. Dado que procura analisar as nossas faculdades de conhecer, Kant é um **filósofo crítico**.

Mais à frente, quando estudarmos o relativismo, veremos como o **críticismo** kantiano se traduz ao nível do conhecimento metafísico. Para já, observemos como Kant procurou superar o conflito racionalismo/empirismo.

Para percebemos o construtivismo kantiano, comecemos por sublinhar que a investigação crítica de Kant incide sobre as nossas **estruturas de conhecimento**. É aqui que nos surge o **transcendentalismo**. Transcendental é, em Kant, “todo o conhecimento que em geral se ocupa menos dos objectos que do nosso modo de os conhecer, na medida em que este deve ser possível *a priori*”.

A investigação kantiana tem um carácter transcendental porque procura descobrir o nosso **modo de conhecer** as coisas, e esse modo é *a priori*, ou seja, é anterior à experiência. De facto, se todo o nosso conhecimento começa com a experiência, nem todo deriva dela.

A sensibilidade é uma faculdade passiva e receptiva. Recebe as **impressões sensíveis**, as **sensações**, a **diversidade empírica**, a que também se pode chamar **intuições empíricas**. Mas estas intuições empíricas são enquadradas pelas **intuições puras**, ou **formas a priori** da sensibilidade. As intuições puras são o **espaço** e o **tempo**. Ou seja, é no espaço e no tempo que nós percebemos e enquadrámos os objectos, formando os **fenómenos**.



O espaço e o tempo não entes reais, não existem sequer fora de nós: fazem parte da constituição da sensibilidade. São as nossas **formas de enquadramento** da matéria que provém dos sentidos, originando o fenómeno.

O fenómeno, por sua vez, só pode ser conhecido objectivamente através de outra faculdade: o **entendimento**. Trata-se de uma faculdade activa e espontânea, que desenvolve uma actividade lógica, na medida em que forma conceitos e formula juízos.

Mas, para que possa conhecer objectivamente as coisas, o entendimento possui elementos formais, *a priori*: os **conceitos puros** ou **categorias** (por exemplo, *unidade, realidade, causa, efeito*) e, ainda, os **juízos sintéticos *a priori*** (por exemplo, *a quantidade de substância permanece constante na natureza*). São estes elementos que nos permitem pensar e conhecer os objectos, ordenando-os e unificando-os.

A existência de conceitos e de juízos sintéticos *a priori* leva-nos a concluir que **nem todo o conhecimento deriva da experiência**. Existem conceitos e conhecimentos anteriores à experiência. Daí o **apriorismo** kantiano, que se opõe ao empirismo (para os empiristas todos os conhecimentos derivam da experiência).

Todavia, os conceitos e juízos *a priori* só têm uma aplicação legítima no âmbito da experiência sensível, ou seja, **não podem ser aplicados a algo de que não temos experiência**. Deste modo, Kant supera o racionalismo (e, no mesmo âmbito, o intelectualismo) – os racionalistas defendiam que o conhecimento autêntico provém exclusivamente da razão, sendo possível conhecer a realidade sem recorrer à experiência.



### **3 Conclusão**

Em suma, ao explorar as perspectivas do empirismo, racionalismo, intelectualismo e construtivismo sobre a origem do conhecimento, revela-se um panorama complexo e diversificado das teorias filosóficas. O empirismo sustenta que todo conhecimento provém da experiência, enquanto o racionalismo enfatiza a razão como fonte de conhecimento verdadeiro e universal. O intelectualismo, por sua vez, posiciona a razão como a faculdade essencial para o conhecimento, enquanto o construtivismo destaca o papel ativo do sujeito na construção das representações do mundo. Cada abordagem oferece uma lente única para entender como adquirimos e estruturamos o conhecimento, refletindo diferentes visões sobre a natureza e os limites do entendimento humano.

### **4 Bibliografias**

#### **4.1 Bibliografias Manuais**

- José Ferreira Borges, Marta Paiva e Orlanda Tavares. *Introdução à Filosofia 11<sup>o</sup> classe*. Moçambique, Maputo: Plural Editores;
- Manuel Biriarte e Eduardo Geque. *Pré-Universitário – Filosofia 11<sup>o</sup>*. Moçambique, Maputo: Pearson.

#### **4.2 Bibliografias Electrónicas**

- <https://www.soescola.com/glossario/o-que-e-construtivismo>;
- <https://pt.wikipedia.org/wiki/Construtivismo>.